

APRESENTAÇÃO

Importantes estudos sobre livros, leitores e leituras já foram realizados pelo historiador Roger Chartier desde a década de 1980. Na Europa, publicações sobre práticas de leitura não são temas novos. Além de Chartier, Daniel Roche, Anthony Grafton, Reinhard Wittmann, Martyn Lyons, Fernando Bouza, Robert Darnton e Jean-François Gilmont também se dedicaram ao tema, com diferentes objetos e enfoques. Sobre a literatura religiosa, vale destacar os trabalhos de Dominique Julia, Ana Cristina Araújo e Olímpia Maria da Cunha Loureiro. No Brasil, historiadores como Luiz Carlos Villalta, Lúcia Bastos Pereira Neves, Márcia Abreu, Marisa Deaecto e Ana Paula Megiani também têm se dedicado ao estudo das práticas de escrita e de leitura, enfocando o período colonial e o imperial. Contudo, o estudo das práticas de leitura, de circulação e de recepção da literatura religiosa produzida na Península Ibérica nas distintas regiões da América Portuguesa ainda é tema pouco explorado no Brasil, mas aos poucos vem ganhando espaço e atenção de pesquisadores, como se pode constatar nos trabalhos de Leila Mezan Algranti, Evergton Sales, Lúcia Bellini, Célia Maia Borges e William de Souza Martins.

Na Europa dos séculos XVII e XVIII, profundamente marcada pelo espírito contrarreformista, difundiu-se a produção de literatura religiosa, com destaque para manuais de devoção, catecismos, missais, compêndios, breviários, obras edificantes, vidas de santos e livros de orações, cuja intenção era a de orientar moralmente seus leitores, ensinando-os também a se preparar para a morte.

Sabe-se que durante os séculos XVI, XVII e XVIII cabia à Igreja a autorização da publicação e também o incentivo à leitura de obras de teologia moral pelos fiéis, que não deveriam ficar restritas aos padres. Esta função recebeu incremento significativo durante o papado de Pio IX (1846-1878), que se caracterizou pela republicação de obras de cunho religioso. Na América portuguesa do Seiscentos e do Setecentos, as obras eram adquiridas tanto por leigos, quanto pelo clero secular e pelas ordens religiosas, com destaque para os jesuítas. Tal literatura poderia fazer parte de acervos de igrejas, seminários, irmandades, bibliotecas de ordens religiosas, favorecendo a propagação de instruções católicas para uma vida santa. No século XIX, com a vinda da Corte e a instalação da Imprensa Régia, a publicação e divulgação de obras com conteúdos religiosos foi bastante ampliada.

A circulação dos textos, como nos lembra Chartier, não se reduz a sua difusão impressa, estando especialmente ligada a sua divulgação, que por estar condicionada, muitas vezes, a imposições e expectativas, determinará usos plurais e, conseqüentemente, graus distintos de imitação e apropriação. A leitura – em sua dimensão coletiva –, segundo este mesmo autor, pode ser pensada como uma relação dialógica entre os “sinais textuais” emitidos pela

obra e o “horizonte de expectativa”, coletivamente partilhado, “que governa sua recepção”.

A recepção de tais obras está, portanto, associada à avaliação dos efeitos socioculturais que elas tenham produzido na sociedade. Se a leitura pode ser compreendida a partir da “atualização” do texto, um processo no qual o leitor opera a compreensão, reconstrói e traduz para si, a recepção – a atribuição de significado e construção de sentido – depende do contexto em que o texto está inserido, bem como da forma em que se apresenta disponível para a leitura.

Para Michel de Certeau, as possibilidades de recepção estão relacionadas ao espaço e ao tempo, implicando distintos interesses, criações e significações. O texto permanece o mesmo, mas seus sentidos, certamente, mudam ao longo do tempo e das republicações. Nesta perspectiva, a literatura religiosa produzida – e reeditada – pode ser percebida como resposta às demandas de seu tempo e, portanto, associada à recepção esperada em cada contexto.

O presente Dossiê contempla trabalhos de pesquisadores que vêm se dedicando ao estudo das práticas de escrita e de leitura, privilegiando a análise de obras que podemos enquadrar na categoria de *literatura religiosa*, produzidas tanto na Europa, quanto na América ibérica, no amplo período que abarca os séculos XVI, XVII, XVIII e XIX.

Em “El desarrollo del género biográfico entre los jesuitas del Paraguay antes de la expulsión de España”, o pesquisador argentino Carlos Page discute, a partir da análise de obras inéditas e publicadas pela Companhia de Jesus no Seiscentos e no Setecentos, a diversidade de textos produzidos [hagiografias, martirólogos e menólogos], as influências e as orientações metodológicas, bem como os objetivos que subjazem à produção de biografias sobre determinados religiosos jesuítas, cujas vidas foram tidas como exemplares – quer tenham sido martirizados ou não –, para a construção de uma memória sobre a atuação do Instituto na América.

No artigo “Quomodo legis? A leitura à luz do método inaciano na novela do jesuíta Alexandre de Gusmão História do Predestinado Peregrino e de seu irmão precito (1682)”, Marina Massimi se propõe a evidenciar a veiculação de conteúdos e métodos dos *Exercícios Espirituais*, propostos por Inácio de Loyola, e a adoção das orientações presentes na *Ratio Studiorum* na novela alegórica escrita pelo jesuíta Alexandre de Gusmão, durante o período em que atuou na América portuguesa. Para a autora, além de importante veículo de difusão dos *Exercícios*, a novela escrita por Gusmão apresenta evidente sentido pedagógico, ao propor um método de leitura orientado pelos Exercícios inacianos.

Já Eliane Cristina Deckmann Fleck e Mauro Dillmann, em “Escrita, práticas de leitura e circulação de manuais de devoção entre Portugal e Brasil nos séculos XVIII e XIX”, apresentam evidências da circulação de manuais de devoção entre a metrópole e a colônia e, especialmente, de sua larga utilização por clérigos e fieis católicos portugueses e brasileiros, através de um levantamento das obras que foram reeditadas ao longo deste período junto à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, ao Memorial Jesuíta da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, à Biblioteca Nacional Portuguesa, em Lisboa, e à

Biblioteca Joanina, em Coimbra. Muitos desses manuais, dentre os quais, se encontram *Gritos das Almas do Purgatório*, escrito pelo padre Joseph Boneta, *Desengano dos Pecadores*, de autoria do padre Alexandre Perier, e *Mestre da Vida que ensina a viver e morrer santamente*, do padre João Franco, receberam inúmeras reimpressões entre o século XVIII e o XIX e integraram acervos eclesiásticos e particulares, o que parece apontar para sua aceitação entre os leitores católicos e o reconhecimento de sua importância pela Igreja Católica.

Em “Os livros da Ordem Terceira de São Francisco entre Portugal e a América portuguesa nos séculos XVII e XVIII”, Juliana de Mello Moraes não apenas avalia a produção e a utilização de obras direcionadas às Ordens Terceiras de São Francisco entre as comunidades de fieis católicos da América portuguesa, nos séculos XVII e XVIII, como também destaca o papel relevante que elas desempenharam, visto que sua leitura e uso ultrapassaram os círculos eclesiásticos, sendo utilizadas pelos leigos vinculados à agremiação em distintas capitâncias, incluindo a cidade de São Paulo.

Daniel Luciano Gevehr, em “Um jesuíta alemão no Brasil meridional conta a história dos Mucker: o cenário e sua protagonista através da narrativa de Ambrósio Schupp”, apresenta-nos uma análise da obra *Os Muckers*, escrita pelo padre jesuíta alemão Ambrósio Schupp, que iniciou suas atividades no Brasil justamente em 1874, ano em que o conflito, que abalou certa região do Rio Grande do Sul, chegou ao fim. Gevehr se debruça sobre as representações presentes na obra – publicada originalmente na Alemanha, em 1900 –, apontando para o papel que desempenhou na produção e difusão de uma memória tanto sobre o conflito, quanto sobre Jacobina – a mulher que liderou os revoltosos instalados no morro Ferrabraz –, e para as concepções de ciência e de história que fundamentaram a narrativa do religioso jesuíta.

Finalizando o Dossiê, no artigo “Literatura religiosa nas trincheiras: o Manual de Orações do Soldado Brasileiro”, Adriane Piovezan analisa o *Manual de Orações do Soldado Brasileiro*, compilação de orações distribuída aos soldados que integraram a Força Expedicionária Brasileira (FEB) e foram enviados ao front italiano na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), detendo-se, sobretudo, nas manifestações de religiosidade e nas atitudes dos combatentes face à iminência da própria morte, dos seus companheiros e da dos seus inimigos.

Rio Grande do Sul, dezembro de 2014.

Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck (UNISINOS)

Prof. Dr. Mauro Dillmann (FURG)

ORGANIZADORES